

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA JOSÉ DE SOUSA SILVA

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO 5º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL I**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA JOSÉ DE SOUSA SILVA

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO 5º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL I

Monografia apresentada à
disciplina de Estágio
Supervisionado em Docência,
como exigência parcial para a
conclusão do Curso de
Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. MS. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS-PB
DEZEMBRO-2010



S586r Silva, Maria José de Sousa.
Relações étnico-raciais no 5º ano do ensino fundamental
I / Maria José de Sousa Silva.- Cajazeiras, 2010.
41f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Preconceito racial. 2. Relações étnico-raciais. 3.
Ensino fundamental. 4. Discriminação. 5. Crianças -
atividades coletivas. I. Sousa, Débia Suênia da Silva. II.
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título

CDU 316.347

A Deus, que me ajudou a chegar até aqui e que me deu forças até hoje para continuar, mesmo em meio a tantos obstáculos.

Aos meus pais, Romana e José Anízio que desde a minha infância tem dado grande incentivo ao meu desenvolvimento intelectual e todo auxílio para a construção do saber.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus, de todo meu coração, porque me deu coragem, saúde e desejo de realizar os meus planos.

Agradeço também aos meus irmãos Bruna e Josué, pelo apoio que me deram no decorrer desse curso.

Agradeço aos meus pais, Romana e José Anízio por terem me instruído para vida, fazendo-me uma cidadã de bem e persistente.

Aos professores que me apoiaram e se dispuseram a me orientar em todo momento de dúvidas.

Agradeço em especial, a professora Mestre Débia Suênia da Silva Sousa que me orientou especificamente na elaboração desse trabalho, de forma que me ajudou na descoberta de novos conhecimentos ampliando a minha aprendizagem no mundo acadêmico.

Agradeço a disponibilidade dos professores, alunos e gestão escolar da Escola Ensino Fundamental Professor Newton Seixas, na qual realizei o estágio.

Agradeço a Abdoral pela revisão gramatical.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (PAULO FREIRE)

RESUMO

O presente trabalho monográfico apresenta uma breve pesquisa sobre as relações étnico-raciais no 5º ano do ensino fundamental, realizada na EMEF Professor Newton Seixas, localizada na cidade de Pombal. O objetivo foi analisar como as crianças se relacionam quando são realizadas atividades coletivas, verificando assim a construção de sua identidade e identificando como desenvolvem a sua aprendizagem em meio à diversidade e ainda examinar nos conteúdos trabalhados em sala de aula se há o combate a respeito de preconceitos, discriminações, racismo e inclusão social. Assim, será abordado assuntos que tratam sobre as Relações Étnico-Raciais e a lei 10.639/03, como também conhecimentos dos alunos do 5º ano do ensino fundamental I, em torno de alguns pontos principais como preconceito e discriminação que estão em volta das relações étnico-raciais e ainda abordará as vivências do estágio com percepção nas relações étnico-raciais. A pesquisa classifica-se como estudo de caso, realizada com quatro alunos da turma, numa abordagem qualitativa seguida da análise de conteúdo de Bardin. Utilizou como instrumentos de coleta de dados a observação, entrevista, portfólio e diário de campo apoiando-se na perspectiva da Nova História Cultura. Este estudo revela que quando o assunto é referido a questões étnico-raciais, este só é perceptível no meio escolar quando se manifesta atitudes preconceituosas, práticas discriminatórias e racistas, com isso eles conseguem perceber as diferenças que cada um possui, e que pouco é discutido o assunto sobre relações étnico raciais sendo incompreensíveis para os alunos os grupos étnicos de acordo com o livro didático. Em suma, torna-se fundamental adentrar com a prática de ensino das relações étnico-raciais mediante as diversas culturas dos grupos étnico-raciais fazendo valer o que diz a lei 10.639/03 no ensino fundamental e desconstruir as práticas preconceituosas, discriminatórias e racistas no meio escolar a partir de conhecimentos étnicos raciais.

Palavras chave: Escola. Etnia-Racial. Preconceito. Discriminação.

ABSTRACT

This monograph presents a brief survey of the racial-ethnic relations in the 5th year of elementary school, held at Newton EMEF Professor Seixas, located in the town of Pombal. The objective was to examine how children relate when they involve group activities, thus confirming the construction of their identity and identifying how they develop their learning amid diversity and also examine the contents worked in the classroom if there is a fight about prejudice, discrimination, racism and social inclusion. Thus, we will address issues that deal on Racial and Ethnic-Relations Law 10.639/03, as well as knowledge of the students of 5th year of elementary school, around a few key points such as prejudice and discrimination that are around of ethno-racial and also address the experiences of the stage with perception in ethnic race. The research is classified as a case study conducted with four students in the class, then a qualitative approach of content analysis of Bardin. Used as instruments for data collection observation, interview, portfolio and daily field relying on the perspective of the New Culture History. This study shows that when the matter is referred to ethnic-racial issues, this is only noticeable in middle school when manifested prejudiced attitudes, discriminatory practices and racism, thus they can sense the differences that each has, and that little is discussed subject to racial and ethnic-relations, incomprehensible to the students, the ethnic-groups according to the textbook. In short, it is essential to enter the teaching practice of racial relations through the various ethnic cultures of racial ethnic-groups by asserting what the law says 10.639/03 in elementary and deconstruct the practices prejudicial, discriminatory and racist at school from racial-ethnic knowledge.

Key words: School. Racial-ethnicity. Prejudice. Discrimination.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - PERCURSO METODOLÓGICO	10
1.1. O Local da pesquisa.....	11
1.2. Os sujeitos da pesquisa.....	12
1.3. Abordagem da pesquisa.....	12
1.4. O tipo da pesquisa.....	12
1.5 Instrumentos da pesquisa utilizados na coleta de dados.....	12
CAPÍTULO II - PERSPECTIVAS EM TORNO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	16
2.1 A diversidade cultural no âmbito escolar.....	17
2.2 A Lei 10.639/03 nas relações étnico-raciais.....	18
CAPÍTULO III - A PERCEPÇÃO DE PERSPECTIVAS QUE PERMEIAM AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	22
3.1 - A Invisibilidade da palavra preconceito.....	23
3.2 - A prática do preconceito.....	24
CAPÍTULO IV - VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO: UM CAMINHO PERCORRIDO COM PERCEPÇÃO NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	26
4.1- A contribuição do estágio na formação docente.....	27
4.2- Dificuldades em torno do estágio.....	27
4.2.1- Um espaço significativo no estágio: a sala de aula.....	28
4.3 - As atividades trabalhadas no estágio.....	29

4.4 - Percepção em torno das relações étnico-raciais no estágio.....	35
4.5 - Análise do livro didático com o objeto de estudo.....	35
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

A educação é um campo vasto de conhecimentos onde projetamos diversas perspectivas em que nos posicionamos através do nosso pensamento e de nossas ações de forma teórica e prática. Sendo assim, nos dias atuais nos deparamos com problemas em todas as instâncias que estão integrados em meio a uma amplitude de conhecimentos no campo da educação. Dentre eles destacamos a necessidade de se trabalhar com a problemática étnico-racial por entender que esta, muitas vezes, influencia negativamente no processo de aprendizagem escolar. Nessa perspectiva, é que este trabalho intitulado "Relações Étnico-Raciais no 5º Ano do Ensino Fundamental I, se apresenta.

Esse tema é de suma importância porque traz consigo a diversidade social de grupos étnico-raciais que se fazem presentes no nosso cotidiano.

Esse trabalho tem sua contribuição à medida que trata sobre questões relacionadas a diferentes grupos sociais, diversidade cultural, preconceitos, discriminações, cor, raça, desigualdades e inclusão social. Dessa forma, a pesquisa realizada sobre as relações étnico-raciais nos anos iniciais poderá trazer ainda sua contribuição para a escola no momento em que irá proporcionar conhecimentos a respeito dessas questões, as quais muitas vezes, não são questionadas nas reuniões de planejamento escolar com os professores.

O objetivo foi analisar como as crianças se relacionam mediante a diversidade social de grupos étnico-raciais, quando forem realizadas atividades coletivas, verificando assim a construção de sua identidade e identificando como desenvolvem a sua aprendizagem em meio a diversidade, a partir do conhecimento sobre esses grupos étnicos e ainda examinar nos conteúdos dos alunos se há o combate a respeito de preconceitos, discriminações, racismo e inclusão social.

Nessa perspectiva surge a seguinte indagação: como os alunos do 5º ano do ensino fundamental I, percebem e vivenciam os conteúdos sobre as relações étnico-raciais?

Parte-se do princípio que muitas vezes as discriminações, os preconceitos, o racismo e as inclusões sociais não estão nítidos no currículo escolar, de forma que os alunos aprendam desde cedo, a respeitar as diferenças para que futuramente se posicionem de outra maneira, que não seja somente em combater, mas aceitar um

ao outro. Os alunos às vezes não aprendem sobre as relações étnico-raciais porque não tem acesso a conteúdos que tratem sobre essas questões. Mas, essa é uma situação que pode ser solucionada na medida em que professores tenham o conhecimento sobre essas questões e trabalhem com os alunos na sala de aula de forma coletiva. Dentro dessa perspectiva, há uma importância a ser relevada que é a questão de ver como os alunos se integram nas relações étnico-raciais combatendo e respeitando um ao outro mediante a diversidade cultural de cada um.

Essa pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Newton Seixas, localizada na cidade de Pombal. Nessa escola se encontram numerosos alunos que possuem uma diversidade cultural e se enquadram nos grupos étnico-raciais.

Tendo em vista as colocações apresentadas justifica-se esse trabalho que teve por finalidade fazer uma abordagem sobre as relações étnico-raciais presentes no meio escolar, bem como obter resultados significativos que reflitam na qualidade do ensino escolar.

Sendo assim, este trabalho monográfico está dividido em quatro capítulos referenciados de acordo com tema.

O primeiro capítulo tratará da metodologia, explicitando os métodos utilizados na pesquisa. Portanto, será apresentado o local em que foi realizada a pesquisa, os sujeitos da pesquisa, a abordagem e os instrumentos utilizados na pesquisa.

O segundo capítulo irá discutir assuntos que tratam sobre as Relações Étnico-Raciais, sendo abordados alguns pontos referentes ao tema como: A diversidade no ambiente escolar e a Lei 10.639/03 nas relações étnico-raciais.

O penúltimo e, terceiro capítulo trará à tona o conhecimento dos alunos do 5º ano do ensino fundamental I, em torno de alguns pontos principais que estão em volta das relações étnico-raciais se manifestando de variadas formas no cotidiano.

O quarto e último capítulo abordará alguns momentos que foram percorridos no estágio supervisionado, como a contribuição do estágio para a formação docente, as dificuldades em torno do estágio, um espaço significativo no estágio: a sala de aula, as atividades trabalhadas no estágio, a percepção em torno das relações étnico-raciais e o livro didático como instrumento de análise do objeto de estudo.

CAPÍTULO I

1. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo será abordada a metodologia, que é o caminho e a explicação detalhada do trabalho de pesquisa ao ser desenvolvido, explicitando os métodos utilizados na pesquisa. Portanto, será apresentado o local em que foi realizada a pesquisa, os sujeitos da pesquisa, a abordagem e os instrumentos utilizados na pesquisa.

1.1 O local da pesquisa

A pesquisa intitulada "Relações Étnico-Raciais nas séries iniciais" foi desenvolvida na cidade de Pombal - PB, Brasil, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Newton Seixas. A escola é composta por uma estrutura física ampliada, para o total de 765 alunos.

A estrutura física da escola é distribuída da seguinte forma:

Espaço Físico	Quantidade
Salas de Aula	12
Sala de Atendimento Psicológico	01
Sala de Leitura	01
Almoxarifado	01
Secretaria	01
Sala para Planejamento	01
Sala para Professores	01
Laboratório de Informática	01
Sala de Vídeo e TV Escola	01
Diretoria	01
Refeitório	01
Oficina de Música	01
Vestiários Masculinos e Femininos	02
Sala de Recursos Didáticos	01
Despensa	01
Auditório	01
Escadas	04
Quadra	01

A escola é dividida em dois blocos, sendo um para as crianças da creche e outro para o fundamental I e II, ela possui um amplo espaço para o lazer das crianças e é cercada por muros e grades possibilitando a segurança; nas paredes da escola não há criatividade nem muita exposição de murais, apesar de não haver cantina na escola há vendedores ambulantes fora da escola. Além disso, é preciso salientar que o bairro dessa escola é periférico e as famílias (a maioria) que ali moram tem a renda inferior a um salário mínimo.

1.2 Os sujeitos da pesquisa

Têm-se como sujeito da pesquisa os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I. A turma é composta por 11 alunos, dos quais para pesquisa foram selecionados 4 alunos, assim distribuídos: 2 meninas e 2 meninos, tendo eles 10 a 11 anos de idade. Esses alunos têm alto índice de indisciplina, alguns deles são violentos e falta com respeito aos funcionários da escola entre outras questões decorrentes do desajuste familiar e a carência generalizada.

1.3 Abordagem da pesquisa

Por considerar importante a natureza dos dados obtidos, é que na abordagem dessa pesquisa optou-se por escolher a pesquisa qualitativa, pois “preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”. (GONÇALVES, 2003, p.68).

No processo de análise, tive como referência as proposições de Bardin (2002), com a análise de conteúdos, que segundo a autora é: “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens”. (p.38). Tais procedimentos são criteriosos, com muitos aspectos observáveis, mas que colaboram bastante no desvendar dos conteúdos.

1.4 O tipo de pesquisa

O tipo de pesquisa que foi realizada classifica-se como estudo de caso, pois “é o tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para análise de um fenômeno”. (GONSALVES, 2003, p.67).

1.5 Instrumentos de coleta de dados

Na coleta de dados, inicialmente, foi utilizado a observação que é:

[...] uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. [...] a observação deve ser: orientada por um objetivo de pesquisa, planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais, e que, além disso, deve ser submetida a controle de validade e precisão (GIL, 1987 apud MATOS, 2002. p.58).

Nesse sentido, é de suma importância que haja essa observação, pois possibilitará um encontro direto com o sujeito da pesquisa, tem-se também a entrevista semi-estruturada como procedimento de coleta de dados, sendo assim:

[...] recomenda-se que seja observada uma seqüência lógica de pensamento para que o roteiro torne-se compreensível ao entrevistado, possibilitando a clareza nas respostas, e a análise dos dados. [...] entrevista mais aberta que a estruturada, o que possibilita maior flexibilidade nas respostas e a obtenção de falas que podem enriquecer ainda mais a temática abordada. (GIL, 1987 apud MATOS, 2002. p. 58).

Desse modo, essa entrevista foi usada na tentativa de complementar a pesquisa, já que a observação é necessária mas não suficiente para análise dos dados futuramente, portanto, ela foi gravada e posteriormente foi transcrita e analisada. Ainda como procedimento metodológico haverá a análise de documentos (Livros Didáticos).

A observação foi realizada numa sala de aula do 5º ano do ensino fundamental I, nesse momento os alunos se mostram inquietos com minha presença e ansiosos para saber se eu iria dar aula, quanto ao professor, ele mostrava segurança na aplicação do conteúdo, depois de um tempo, no horário do intervalo ele me perguntou se eu queria dar aula.

A entrevista foi feita a três alunos da turma escolhidos por mim mesma, até porque eu não os conhecia. No momento da entrevista os alunos se sentiram nervosos com medo de responder, pois tinham medo de errar e o professor saber, mas deixei claro que o professor não teria o conhecimento das perguntas e muito menos das respostas que eles me dariam, e ao saber disso ficaram tranquilos.

No segundo momento, foi realizada uma nova observação e entrevista com esses alunos, os quais não mais se surpreenderam com a minha presença pelo contrário se sentiram à vontade, até demais.

A realização dessa observação serviu como subsídios para elaboração do estágio porque possibilitou o conhecimento da realidade escolar e com a sala de aula. Da mesma forma, a entrevista feita possibilitou o conhecimento de alguns pontos referentes o processo de ensino aprendizagem com os discentes e o docente.

Além da observação sobre a realidade escolar foi feita também a observação direta na sala do professor.

Essas observações foram feitas por meio de um roteiro elaborado em sala de aula, o qual me proporcionou alguns pontos a serem observados tanto na escola como em sala de aula.

A entrevista foi realizada com três alunos, os quais demonstraram sinceridade, tranquilidade e segurança ao responderem as perguntas. Nessa entrevista havia perguntas que proporcionava o conhecimento não profundo do processo de ensino aprendizagem, mais suficiente do que ocorria em sala de aula, sendo assim, os alunos puderam expressar o gosto que tinham de ir à escola e as disciplinas que mais gostavam e as que sentem dificuldade. Diante da compreensão dos alunos foi visto como o professor trabalha os conteúdos e se os explica, se as aulas estabeleciam relações de interações, jogos e desafios, as metodologias utilizadas, como era a relação deles com a professora, as dificuldades que esses alunos encontravam em sala de aula, a opinião dos alunos referente à melhor forma de facilitar a aprendizagem, a importância das brincadeiras, jogos e como queriam que fosse a aula.

Os resultados obtidos proporcionaram o conhecimento do trabalho docente no processo de ensino aprendizagem deixando vestígios que ajudará na execução da aula teste que é uma aula que proporcionará a integração na sala de aula diretamente com os alunos, para que posteriormente se realize o estágio.

Num segundo momento da pesquisa, no qual se tratou da realização do Estágio Supervisionado em Docência foi utilizado como instrumento de coleta de dados um portfólio, este constituído pelos planos de aula e as atividades realizadas durante o estágio; e um diário de campo em que se registraram as memórias desse momento.

Portanto, estes instrumentos, no caso desse estudo se configuram como fontes de pesquisa documental, apoiando-se na perspectiva da Nova História Cultural que alarga o conceito de fontes, na medida em que passa a mostrar novos ares como as narrativas, fontes orais e as memórias do presente, desde então “o uso da História Oral, bem como das narrativas que dela se originam, estimulam a escrita de uma História que não é uma representação exata do que existiu, mas que se esforça em propor uma inteligibilidade”. (CHARTIER, 2002, p. 277).

Deste modo, a construção do conhecimento se amplia quando leva em consideração os momentos que foram presentes no estágio com a narração dos alunos, da estagiária, do professor e da comunidade escolar, os quais participaram de maneira significativa possibilitando a reflexão dos momentos reais vividos no decorrer do estágio, “nesse sentido poderíamos pensar que, para a produção da História, torna-se indispensável recorrer à Memória” (SILVEIRA, 2007, p.2), o que significa dizer que as experiências rememoradas serão primordiais para reflexão sobre o conhecimento histórico obtido direto com os alunos e suas condutas em torno das práticas vivenciadas, e assim pontua DELGADO: “[...] Não objetiva a história em si mesma, mas um dos possíveis registros do que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória”. (2006, p. 18).

CAPITULO II

2. PERSPECTIVAS EM TORNO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Este capítulo vai discutir sobre as Relações Étnico-Raciais nos anos iniciais, do Ensino Fundamental I, pois na Educação torna-se evidente a necessidade de trabalhar com os alunos as múltiplas diferenças raciais, culturais, sociais entre outras. Sendo assim, serão abordados alguns pontos referentes ao tema como: A diversidade no ambiente escolar e a Lei 10.639/03 nas relações étnico-raciais.

2.1 A diversidade cultural no âmbito escolar

É importante que seja trabalhada no âmbito escolar a diversidade cultural, pois é nesse ambiente que encontramos crianças com a necessidade de desenvolver sua aprendizagem através da literatura, das artes culturais, da música, da culinária, da religião, do folclore popular entre outras; tendo o respeito mútuo, na medida em que através de um trabalho coletivo todos participem e somem os diferentes conhecimentos numa interação que seja proveitosa para a aprendizagem deles e que a partir de então, todos aprendam e apreendam o conteúdo de forma coletiva. Portanto,

Reconhecer a diversidade cultural implica relativizar um pouco o saber e a memória na nacional preservada na forma de livro, na forma de arte, de monumentos, de arquivo. Tudo isso é importante, mas tudo isso só ganha sentido, - o saber do livro, o monumento, a história do país-sentido democrático, quando a gente recria esse saber, ou reapropria esse saber por um discurso, uma fala, um ação vinculados a um projeto educacional, aberto ao enraizamento comunitário (TRINDADE, 2002, p.21).

É preciso considerar o contexto cultural que a criança atua, pois muitas delas têm o conhecimento, mas não a participação de fato, pois a partir de sua participação poderá agir ativamente produzindo, recriando e reapropriando sua cultura e conduta em determinado contexto o que possibilitará uma nova postura diante da sociedade, tendo em vista a cultura preservada dos antepassados.

Para que aconteça um trabalho coletivo entre a diversidade cultural e também social de grupos étnico-raciais no ambiente escolar é preciso rever se o currículo escolar fornece conteúdos adequados para se trabalhar com tais diferenças, em relação aos grupos étnico-raciais e suas culturas.

É necessário também que os professores tenham uma formação acadêmica que contemplem conhecimento referente à diversidade de grupos étnicos e de suas respectivas culturas, ou até mesmo aqueles que não possuem se informem sobre o que ou qual é o significado das relações étnico-raciais, pois a partir desses conhecimentos poderão contribuir grandemente para evitar qualquer tipo de discriminação, racismo ou preconceito no ambiente escolar. Sendo assim, o

professor precisa estar apto para trabalhar com essa diversidade que muitas vezes, o livro didático não fornece e atento para trabalhar mediante as diferenças dos alunos, no sentido de verificar os vários tipos de diferença que cada um possui, pois “a celebração da diversidade é um verdadeiro desafio, porque o modelo classificatório que pautou o último século da educação teve sempre por referencial o padrão, a uniformidade e a homogeneidade” (HOFFMANN, 2005, p.39).

Sendo assim, a diferença que cada um possui está relacionada a um contexto amplo que envolve uma série de procedimentos da vida cultural e social do sujeito, perpassando os momentos vividos na construção de uma nova história de vida e de absorção de novos conhecimentos que está propicia a flexibilidade e a mudanças no decorrer do seu dia-a-dia possibilitando assim os diferentes conhecimentos em meio à diversidade atuante.

2.2 A Lei 10.639/03 nas relações étnico-raciais

Para se falar das questões étnico-raciais, se faz necessário o conhecimento sobre a História da África e dos Africanos, pois “ainda quando se fala em África na escola e até mesmo no campo da pesquisa acadêmica, reporta-se mais ao escravismo e ao processo de escravidão” (MOREIRA; CANDAU, 2008, p.75).

Nessa perspectiva, torna-se importante fazer com que o aluno conheça o contexto histórico sobre os africanos de modo geral, antes de gerar qualquer discriminação ou preconceito a respeito dos negros, vendo assim os benefícios que a cultura africana, somada a cultura lusitana e Indígena propiciam a nossa cultura brasileira, de forma que haja uma inter-relação de diferentes grupos étnicos com hábitos e costumes diferentes dos nossos, e a partir de então, fazer com que reflitamos e tenhamos um novo olhar, desconstruindo a história de ver apenas:

Africanos escravizados recebendo castigo, crianças negras brincando aos pés dos senhores e senhoras, os instrumentos de tortura, o pelourinho, o navio negreiro, os escravos de ganho e algumas danças típicas são as imagens mais comuns que povoam a nossa mente e ajudam a forjar o imaginário sobre a nossa ancestralidade negra e africana (MOREIRA; CANDAU, 2008, p.75).

Mas como será que os alunos vêem a história e cultura dos africanos hoje? Será que eles têm apenas essas imagens sobre os africanos ou será que o currículo das escolas ou os livros didáticos não trazem como conteúdo a História da África e a cultura Afro-brasileira?

São indagações que nos fazem parar para refletir sobre essas questões que são muito importantes para o conhecimento tanto do professor quanto do educando de um modo geral. Pode-se evidenciar essas questões na Lei 10.639/03 sancionada pelo Presidente Luiz Lula Inácio da Silva que propõe “[...] uma medida de ação afirmativa que torna obrigatória a inclusão do ensino da História da África e da Cultura Afro- Brasileiros nos Currículos dos estabelecimentos de ensino público e particulares da Educação Básica” (MOREIRA; CANDAU, 2008, p.67).

E ainda após a sanção da Lei 10.639/03,

O Conselho Nacional de educação aprovou a Resolução I de 17/03/2004 que instituiu as Diretrizes Curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (MOREIRA; CANDAU, 2008, p.68).

A escola como instituição de ensino deve trabalhar com as questões africanas mediante a Lei 10.639/03 e a Resolução I de 17/03/2004, de modo que, ela não sirva apenas para ser lida, mas sim que seja executada, de forma que a inclua cotidianamente na sala de aula com o intuito dos alunos terem os devidos conhecimentos sobre a África para a superação do racismo, por isso é nessa perspectiva que:

A implementação da Lei 10.639/03 e de suas respectivas diretrizes curriculares nacionais vem somar às demandas do movimento negro, de intelectuais e de outros movimentos sociais que se mantêm atentos a luta pela superação do racismo na sociedade, de modo geral, e na educação escolar, em específico, Esses grupos partilham

da concepção de que a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. Acreditam que a escola, sobretudo a pública, exerce papel fundamental na construção de uma educação anti-racista. (MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 68-69).

A partir dessa implementação torna-se fundamental a participação da escola na construção de novas práticas de ensino em que juntamente com os professores possam gradativamente introduzi-la com adequabilidade, para que os alunos possam aprender e compreender o seu sentido e a partir de então, terem um novo proceder com o outro dentro da escola e em meio à sociedade.

Nesse sentido, é preciso que a comunidade escolar exerça um trabalho coletivo e interativo com a intenção de formar cidadãos, todavia, é essencial que os alunos obtenham o conhecimento mútuo e contínuo sobre conteúdos relevantes e informações necessárias para a sua formação como cidadão na sociedade, garantindo a possibilidade de ter um cidadão crítico e reflexivo, para que a partir de então, possam ter diferentes olhares mediante diversas situações que se encontrem e que no futuro revejam suas práticas e desconstruam qualquer tipo de estereótipo que possuam ou que porventura, possa existir.

Nessa perspectiva, é de suma importância que o docente modifique suas aulas inovando-as, de forma que o aluno se interesse e tenha a curiosidade de querer conhecer sempre mais sobre o assunto trabalhado em sala de aula e que o conteúdo possa ser trabalhado de diferentes maneiras tornando a aula prazerosa e dinâmica por meio da exploração de recursos pedagógicos os quais não são utilizados com ou nenhuma frequência em sala de aula, mas para tanto é preciso ainda que o professor seja um pesquisador e que reflita sobre suas práticas na troca de idéias e novos conhecimentos com outros professores. Portanto, é nesse sentido que os variados conhecimentos surjam e que por meio dessa interação outros professores também terão o conhecimento sobre a implementação da lei 10.639/03 e de suas respectivas representações.

Portanto, os professores precisam rever as suas práticas docentes em sala de aula e fora dela também e se preciso inová-las constantemente, na tentativa de superar os paradigmas presentes no contexto escolar e fora dele.

CAPÍTULO III

3. A PERCEPÇÃO DE PERSPECTIVAS QUE PERMEIAM AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Este capítulo trata de trazer à tona o conhecimento dos alunos do 5º ano do ensino fundamental I, em torno de alguns pontos principais que estão em volta das relações étnico-raciais se manifestando de variadas formas no cotidiano.

3.1 A Invisibilidade da palavra preconceito

Tendo em vista a importância das relações étnico-raciais no ambiente escolar é que podemos perceber alguns conflitos que acontecem na relação de interação entre as crianças que atuam nesse ambiente, as quais são advindas de um determinado contexto social e cultural diferentes. Em torno dessa relação pode-se perceber o preconceito como um dos fatores que se faz presente no cotidiano escolar em sua prática, mas ao mesmo tempo ausente para o conhecimento teórico do seu significado.

Indagou-se aos alunos sobre o que eles sabiam a respeito de algumas questões que estão em volta das relações étnico-raciais, deste modo o preconceito foi uma das palavras que estavam inclusas nas questões por ter uma presença frequente nas atitudes e ações do indivíduo quando me refiro à etnia racial. Dessa forma, percebeu-se que segundo algumas respostas obtidas os conhecimentos desses alunos eram simplificados demais, pois, o conhecimento expressado por eles não condizia com o sentido real da palavra e das indagações realizadas, havendo assim uma contrariedade em seu significado.

Assim, quando se tratava do significado da palavra preconceito era expresso pelos discentes por meio de exemplos, de forma restrita, como se pode ver através do discurso da aluna A, quando diz: “[...] se um cego senta e o outro o chama dizendo ô ceguinho, aí ele fica magoado”. (Aluna A, sexo feminino, entrevista 18/03/2010). E ainda, diz que “o preconceito é uma coisa errada e não se deve ter com ninguém”. (Aluna B, sexo feminino, entrevista 18/03/2010).

Dessa forma, os alunos não conseguem definir o significado real, mais amplo, da palavra pré-conceito que quer dizer “uma opinião já formada a respeito de determinado assunto, pessoa ou objeto” (ITANI, 1998, p.125). Mas, só conseguem identificar o preconceito através do exemplo citado acima e de forma errônea.

É perceptível que a palavra preconceito tem certa invisibilidade no ambiente escolar, especificamente na sala de aula, isso não decorre apenas por parte do sistema de ensino e das práticas escolares, mas, também, devido à falta de discurso no ambiente familiar e na sociedade onde os alunos vivem. Com isso, poucas são as pessoas e crianças que sabem o significado dessa palavra.

No entanto, os alunos que chegam à escola em condições e classes sociais desiguais não possuem conhecimentos prévios e como consequência disso poderão, de alguma forma, passar por um tipo de preconceito despercebido.

Nesse contexto, é possível inferir que quando os alunos tentam expressar algo, ou seja, eles falam o que entendem, ou melhor, que pensam que entende sobre o significado da palavra preconceito, deixando claro que não tem o conhecimento apropriado sobre essa questão o que seria de suma importância em relação à questão étnico-racial.

3.2 A prática do preconceito

O rumo do preconceito é tão abrangente na sociedade, que suas práticas são acionadas constantemente e ocorrem de maneira despercebida, contribuindo para sua efetivação, na sociedade em que o sujeito atua. Muitas são as pessoas que não entendem o que significa o preconceito, mas de forma inconsciente se posicionam em praticá-lo por meio de suas ações e expressões verbais.

É por meio de um olhar preconceituoso de si mesmo que a aluna ressalta: "eu me acho preconceituosa porque eu não gosto da minha aparência". (Aluna B, sexo feminino, entrevista 18/03/2010). É difícil dizer o que ocorre com essa opinião formada de si mesma, mas tendo em vista algumas hipóteses, isso pode ser decorrente de alguns momentos vivenciados por ela em sala de aula ou em outro lugar, que a deixou frustrada causando certo complexo em relação a sua aparência física, pois a mesma deixa claro, que já foi vítima de preconceito quando os colegas de classe a trataram mal verbalmente e assim enfatiza: "meus colegas dizem que sou magra, me chamam de cabelo de bucha, porque é duro e de negra, mas eu acho que sou morena". (Aluna, B sexo feminino, entrevista 18/03/2010).

Diante dessas falas, percebe-se que primeiro ela expressa certo desgosto pela sua aparência física, tendo assim uma concepção de si mesma, no segundo momento, essa aluna se sente ofendida pelo fato dos colegas a chamarem de magra, cabelo de bucha e negra, no entanto, isso nos faz refletir "[...] que mesmo quando não queremos ou mesmo quando somos contra o preconceito nós o praticamos e o transmitimos". (ITANI, 1998, p.127).

Essas situações que ocorrem na instituição de ensino são bastante frequentes e o preconceito é bem presente, ainda, em nossa sociedade, principalmente no ambiente escolar, se manifestando de forma dissimulada, de modo perverso, no exercício cotidiano da linguagem, por meio de gestos, cor ou etnia, enfim, de muitas outras formas, é uma prática que foi criada e se desenvolveu rapidamente em nossa sociedade e poucas são as pessoas que repreendem outra pela sua ação preconceituosa.

Tendo como caso específico as falas da aluna B, é que a questão étnico-racial adentra em torno do preconceito. Mediante as falas da discente é perceptível a utilização da expressão “negra” a qual foi chamada pelos colegas de classe e por isso se sentiu ofendida, de fato, realmente ela era negra, mas não se reconheceu com tal, o que deixa claro que:

A atitude de não dizer expressamente a expressão negra ou preto, negando aquilo que realmente é, expressa também uma certa dificuldade em se referir às pessoas cuja origem étnica seja negra ou afro-brasileira. É a própria afirmação do preconceito de cor ou étnico. (ITANI, 1998, p.122).

É impressionante a forma com que essa aluna se expressa, em dizer que foi mal tratada porque a chamaram de negra, podemos então, deduzir que ela perde de vista sua identidade étnica no momento em que não reconhece sua origem.

Nesse sentido, torna-se fundamental compreender que “a identidade étnica não deve ser entendida como algo constituído, naturalizado. Trata-se de percebê-la como processo identitário”. (NÓVOA, 1992, p.210). Sendo assim, o aluno precisa ter conhecimento sobre o contexto histórico, do qual deu origem, e a partir de então, defender sua identidade, preservando-a.

CAPÍTULO IV

4. VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO: UM CAMINHO PERCORRIDO COM PERCEPÇÃO NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

O presente capítulo pretende abordar alguns momentos que foram percorridos no estágio supervisionado, inicialmente, será abordada a contribuição do estágio para a formação docente, as dificuldades em torno do estágio, um espaço significativo no estágio: a sala de aula, as atividades trabalhadas no estágio, a percepção em torno das relações étnico-raciais e a análise do livro didático com o objeto de estudo.

4.1 A contribuição do estágio na formação docente

O estágio foi o início de uma experiência profissional muito significativa para a minha futura profissão, porque me possibilitou o conhecimento do futuro campo profissional onde pude ter a oportunidade de atuar em sala de aula. Nesse sentido, o estágio foi importante porque contribuiu na descoberta da minha identidade profissional por meio de uma reflexão e ação sobre a formação e mostrou-me o sentido da profissão; o que é ser professor e a realidade escolar.

Visto que, o estágio é um requisito do curso de pedagogia, proporcionou-me o conhecimento prático e teórico em um determinado campo profissional da educação, que foi o espaço escolar, sendo assim:

A educação é uma prática social. Mas a prática não fala por si mesma. Exige uma relação teórica com ela. A pedagogia, enquanto ciência (teoria), ao investigar a educação enquanto prática social coloca os 'ingredientes teóricos' necessários ao conhecimento e a intervenção na educação (prática social). (PIMENTA, 2006, p.93).

Nesse sentido, na prática social educativa a teoria e a prática são indissociáveis na transformação da realidade escolar.

Contanto, o estágio não só proporcionou a articulação entre teoria e prática, como também convergiu a relação de interação entre aluno e professor em sala de aula e a integração no ambiente escolar.

4.2 Dificuldades em torno do estágio

É com frequência que muitas vezes me deparei com professores desanimados com a profissão docente, muitos já estavam cansados devido o tempo que havia passado exercendo essa profissão, os quase aposentados, enquanto outros só sabiam reclamar mostrando a insatisfação em ser docentes e com o salário que ganhava, sabendo que eles mesmos decidiram estar ali, mas mesmo assim se lamentavam. Na segunda semana de aula alguns professores, aqueles insatisfeitos me perguntavam por que eu não havia escolhido a sala deles para

estagiar? No mínimo queriam se livrar da turma, e por que eu havia escolhido aquela escola? Pois era dita como a mais problemática do município.

Confesso que, diante dessas indagações e situações colocadas por esses professores me senti um pouco desanimada, mas tive o incentivo necessário na escola que foi o do professor da sala de aula na qual estagiei, pois ele sempre me deu força no sentido de se preocupar com meu desempenho, me auxiliando no que era preciso e a direção que me recebeu todos os dias como se fosse uma professora, além dos alunos que eram excelentes e tinham realmente o desejo de aprender, isso fez com que continuasse com o desejo de saber como seria o dia a dia de um professor e assim perceber se era realmente isso que eu almejava para o futuro.

Outra dificuldade foi a questão do estágio ser um momento diferente em minha vida, já que nunca estive em sala de aula como professora, logo tudo aquilo era novo e diferente, proporcionando a reflexão que,

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa o velho não é apenas cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. (FREIRE, 19996, p.35).

No entanto, a adaptação no ambiente escolar e na sala de aula não foi fácil, mas conforme o tempo passava, foi havendo superação quanto às diversas dificuldades que surgiam, e a partir de então, o que era novo pra mim foi aceito como um desafio a ser enfrentado e superado.

4.2.1 Um espaço significativo no estágio: a sala de aula

Na sala de aula onde exerci o estágio conheci um pouco da vida dos alunos, bem como as dificuldades que traziam consigo. Sendo assim esse local foi muito importante e significativo, deste modo,

A Sala de Aula para mim, portanto, é a Sala de Aula das instituições escolares: um local específico destinado a atividades específicas de ensino-aprendizagem de saberes também específicos, em níveis e complexidade diferenciados, através de metodologias apropriadas, e que só tem sua peculiaridade assegurada na medida em que professores e alunos garantem, nela, a execução real destes objetivos aos quais se destina. A Sala de Aula, então, não é aquele espaço físico inerte da instituição escolar, mas aquele espaço físico dinamizado prioritariamente pela relação pedagógica. (SANFELICE, 1996, p.83).

Os alunos eram provenientes de famílias carentes, alguns foram abandonados na infância pela mãe, outras tinham o pai e mãe presos e enfrentavam diversas dificuldades econômicas a renda familiar era inferior a um salário mínimo e isso era um fator frustrante psicologicamente. Mesmo em meio a tantas dificuldades, eram alunos dedicados a aprenderem o conteúdo e a realizarem as atividades, pois poucas eram as vezes que deixavam transparecer a tristeza ou o desânimo devido a tantas dificuldades que passavam.

Nesse sentido, pode-se recorrer as memórias do estágio para enfatizar essas dificuldades quando:

algumas vezes os conteúdos da aula faziam relação com alguma situação vivenciada pelos alunos e eles expressavam os sentimentos de tristeza como também de alegria, compartilhando as experiências da realidade em que vivia. (DIÁRIO DE CAMPO, 07/09/10).

Além dessas dificuldades o estágio possibilitou o conhecimento referente à aprendizagem de cada aluno, alguns mostravam dificuldades na escrita, outros na leitura, enquanto outros mal sabiam ler e escrever.

4.3 As atividades trabalhadas no estágio

Para a realização das atividades tive com referência a aula teste que antecedeu o estágio, nessa aula verifiquei algumas dificuldades quanto à leitura e

escrita dos alunos e a partir delas, elaborei algumas atividades buscando trabalhar essas dificuldades.

Na disciplina de português trabalhei a leitura tendo em vista a participação dos alunos por meio da leitura silenciosa e coletiva, para que posteriormente pudessem discutir o texto, no entanto, alguns alunos se recusavam a ler no momento da leitura coletiva, pois se sentiam menosprezados por não saber ler de forma correta e vagarosamente, enquanto os que sabiam não queriam dar oportunidade para os que sentiam dificuldade, pois se mostravam impacientes ao ver o colega soletrando. Mas como lidar com esses alunos que trazem dificuldade na leitura e com os alunos que são impacientes e não aceitam a dificuldade do outro?

Essas indagações poderiam ter diversas respostas uma vez que essas dificuldades não são recentes, já vêm acontecendo desde os anos anteriores, assim, o professor atual, se depara com grande deficiência acumulada na leitura causada, por parte dos professores anteriores, ou até mesmo do aluno que não se interessou em querer aprender, essas seriam algumas hipóteses quanto a essas indagações que deixam a desejar na análise mais profunda de como ocorre o ensino aprendizagem no espaço escolar.

Não é tarefa fácil trabalhar numa sala de aula, já que é um ambiente heterogêneo com alunos diferenciados socialmente, culturalmente e historicamente e que trazem dificuldades a serem modificadas no contexto escolar.

Um dos casos que encontrei foi um aluno que não sabia escrever nem ler, mas se encontrava matriculado no 5º ano, era um aluno que precisava ser alfabetizado e naquele momento não havia possibilidade de alfabetizá-lo, para isso seria preciso utilizar outros recursos e conteúdos, diante dessa situação perguntei o que havia acontecido e ele disse assim: “eu morava em São Paulo e lá os professores não ensinava direito a ler e escrever, só precisa ir à escola todos os dias que os professores passa de ano” (aluno 5º ano). De fato, ele realmente não sabia ler nem escrever e na sala de aula não fazia outra coisa além de desenhar, muitas vezes ele me pedia pra que eu o ensinasse, mas o tempo era curto e eu não podia me dedicar somente a ele, pois a dificuldade deveria ser trabalhada de outra forma, e aquele momento era inapropriado, então o professor titular da turma resolveu trabalhar algumas atividades próprias ao nível dele.

Em português os alunos desenvolveram a escrita por meio da produção de textos, eles já tinham uma noção do que seria produzir um texto devido à aula teste

e quando foi pedido pra que produzissem um texto sentiram dificuldade em escrever algumas palavras e sempre pediam pra que eu escrevesse no quadro e, além disso, fizeram uma linha de tempo de acordo com o texto que produziram.

Na disciplina de matemática, o conteúdo foi sobre números fracionários e os alunos puderam saber o conceito de frações, representar frações e resolver problemas sobre fração de quantidade. Dessa forma, inicialmente houve o trabalho com dobraduras que possibilitou o conhecimento do conceito de frações, depois os alunos resolveram algumas situações problemas, para saber qual seria o valor de uma fração segundo determinada quantidade. Observe:

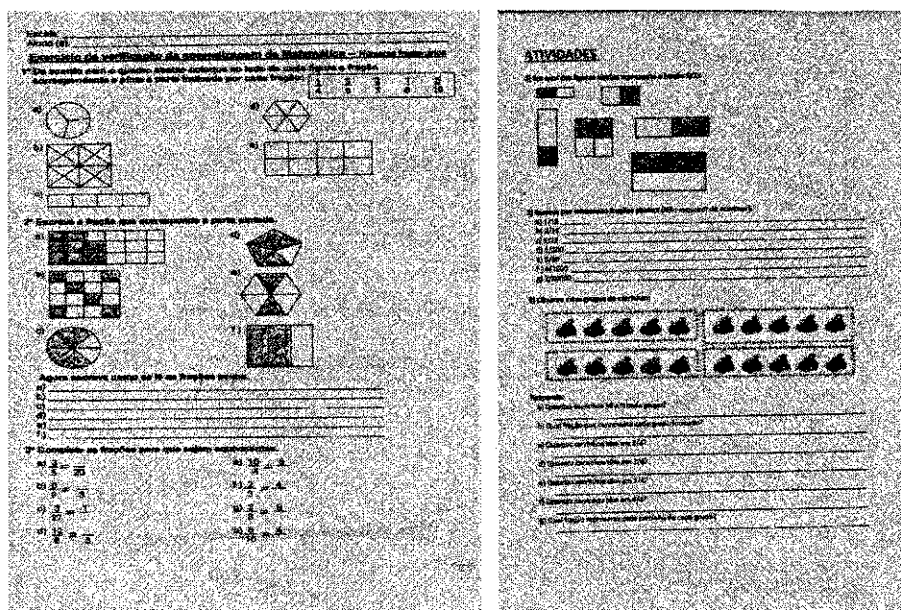


Imagem 1 – Números Fracionários

Fonte: portfólio

Essas atividades contribuíram muito para que os alunos compreendessem representação de frações, equivalência e a resolução de problemas fracionários possibilitando o entendimento entre numerador e denominador.

Em ciências, o conteúdo foi sobre cadeia alimentar, o tratamento da água e esgoto. Nas atividades sobre o tratamento de água e esgoto, os alunos estudaram o conteúdo do livro, assistiram a vídeos e responderam alguns questionamentos sobre o assunto. Também, interpretaram a figura que corresponde a uma cadeia alimentar

para que a partir daí pudessem transformar o esquema da cadeia alimentar de acordo com a figura, conforme o que tinham aprendido. Veja:

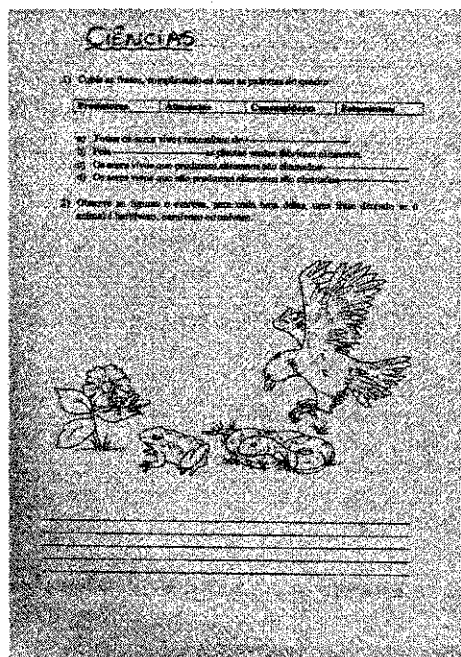


Imagem 2 – Atividade Cadeia Alimentar

Fonte: portfólio

Esta atividade contribuiu, no sentido de possibilitar uma situação em que os alunos deveriam direcionar como ocorreria esse processo de alimentação na cadeia e colocar uma situação que possibilitasse o desequilíbrio.

Quanto ao conteúdo de história foi sobre o período colonial ao império - A Chegada da Corte Portuguesa ao Brasil. Os alunos estudaram esse assunto através de uma leitura silenciosa e coletiva e na discussão foi pedido pra que eles explicassem por meio de uma produção textual com suas palavras o que haviam lido, dessa forma, eles poderiam expressar o que havia entendido realmente. Conforme mostra atividade abaixo:

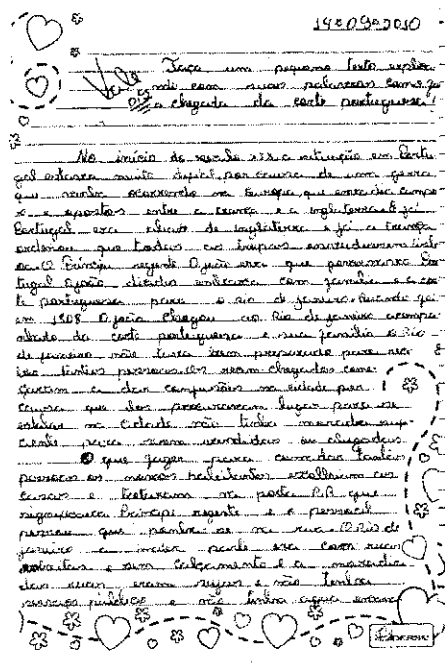


Imagem 3 – Produção de História

Fonte: portfólio

Alguns não sabiam explicar o que havia lido, enquanto outros se esforçavam mesmo sentindo dificuldades, até que conseguiam. Essa tarefa de interpretação foi uma novidade pra eles, pois nunca leram dessa forma, e só escutavam a explicação do professor, dessa forma a disciplina de história se tornou diferente pra eles, já que não liam apenas, mas apreendiam de forma eficaz o conteúdo, além disso, os alunos estiveram assistindo a alguns vídeos sobre o desembarque da corte na colônia e de colônia a império e por fim responderam aos questionamentos com grande facilidade.

Em geografia o assunto foi sobre o espaço regional – região nordeste, centro-oeste e norte. Os alunos verificaram os estados, suas respectivas capitais e a distribuição econômica de cada região, em seguida fizeram algumas atividades como, por exemplo, localizar a região nordeste no mapa em branco e depois colocar os estados e capitais pintando a região correspondente. Observe:

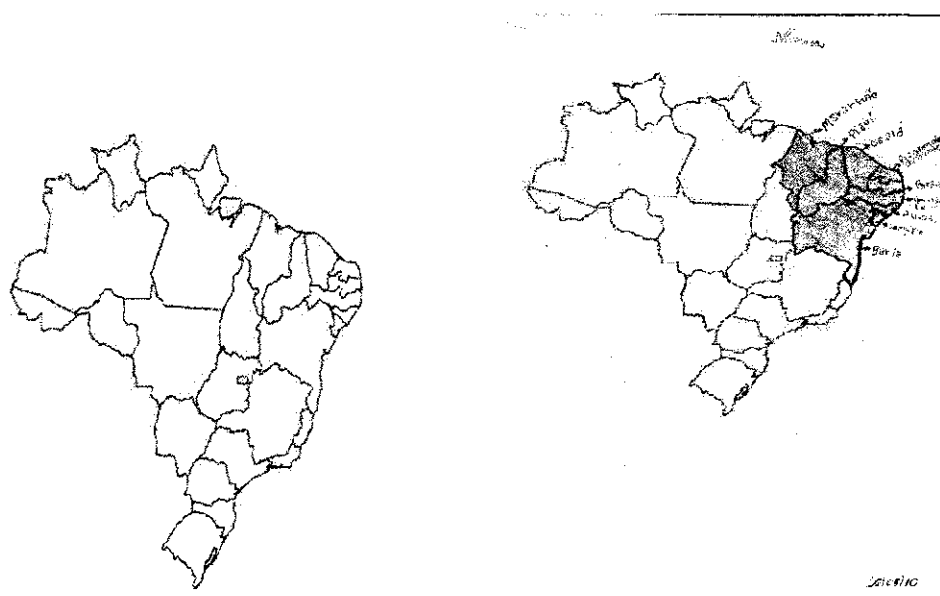


Imagem 4 – Localização Região Nordeste

Fonte: portfólio

Essa atividade os ajudou a assimilar os estados e capitais de forma fragmentada de acordo com cada região.

Houveram outras atividades relacionadas às aulas de religião, artes e libras. Na aula de religião foram trabalhados alguns textos para a reflexão e sensibilização dos alunos, eram textos que propiciavam a discussão de acordo com a vivência de cada aluno. Uma das atividades em artes foi sobre o dia do soldado, os alunos fizeram uma entrevista com o soldado da cidade, apresentaram em sala para os colegas e pintaram e fizeram montagem de um soldado. Ainda houve aula de libras, que era ministrada por outra professora e a minha função era auxiliá-la no que fosse possível e também aprender algo já que eu não sei me comunicar através dos símbolos, logo nessa aula os alunos fizeram algumas atividades como cruzadinhas para formar nomes próprios, conheceram o alfabeto manual de forma teórica e prática e desenhos para se trabalhar com as cores, foi uma aula interessante e os alunos gostaram muito, além disso, possibilitou a comunicação com aqueles que tinham necessidades especiais.

4.4 Percepções em torno das relações étnico-raciais no estágio

Quanto ao trabalho coletivo realizado em sala de aula com os alunos, foi perceptível que a relação dos alunos era interativa, porém quando foi pedido pra que eles formassem duplas na tentativa de realizar alguma atividade havia sempre alunos que excluíam outros, por não saber ler, escrever ou pelo fato de não querer aceitar o colega por alguma causa que eu não posso informar.

Um momento que chamou atenção foi quando uma das alunas se intrigou com outra por causa da participação contínua em todas as aulas, ela não aceitava os comentários da colega e sempre que esta participava a discriminava com palavras ofensivas como: “ah essa nega besta só quer saber de tudo” (DIÁRIO DE CAMPO, 13/09/10). A verdade é que realmente a menina era negra e isso não seria um ponto chave pra que ela se sentisse ofendida, mas o tom irônico com que ela dizia “nega” e a palavra besta poderiam sim ser uma forma que a qualifica e a discrimina, mas o problema também é outro, a aluna que era discriminada não aceitava a sua cor e isso se tornava uma ofensa para ela, logo ela também não gostava e se sentia magoada. Porém, eu não entendia porque ela não gostava que a chamassem de negra, e uma vez a questioneei, então ela respondeu dizendo que não gostava da cor dela porque as pessoas tinham preconceito com ela e se fosse branca as pessoas não iriam discriminá-la. Assim é importante ressaltar que “faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”. (FREIRE, 1996, p.36).

Quando surgia uma situação desse tipo, muitas vezes tive que trabalhar com a questão de discriminação em sala de aula, pois qualquer problema se tornava em motivo para que houvesse um gesto, olhar ou palavras de discriminação.

4.5 O livro didático como instrumento de análise do objeto de estudo

O livro didático foi muito utilizado no estágio, por meio deste foram trabalhados conteúdos de acordo com diversas disciplinas, porém vale ressaltar que

nem sempre os alunos faziam tarefas do livro e sim outras que a meu ver eram mais proveitosas e construtivas.

Em um dos momentos da aula, verifiquei um capítulo da disciplina de geografia que os alunos haviam terminado de estudar com o professor titular da turma, mesmo assim decidi em um dos momentos do estágio voltar ao capítulo para saber o que realmente eles tinham aprendido, pois trazia um conteúdo que tratava sobre os grupos étnico-raciais mostrando quais seriam esses grupos. No entanto,

fiquei muito contente pelo fato de saber que os alunos tiveram a oportunidade de saber algo sobre os grupos étnicos, mas ao perguntar a eles quais seriam esses grupos o silêncio tomou conta da turma e infelizmente já não lembravam mais sobre o que havia estudado. (DIÁRIO DE CAMPO, 25/08/10).

Desde então, reflito diante de algumas indagações: Como será que os alunos compreenderam o conteúdo se ao menos não sabem dizer quais seriam esses grupos? Será que o conteúdo foi trabalhado de maneira aleatória por ser pouco discutido no âmbito escolar? Ou será que os alunos não deram importância? Afinal, como poderia ter sido trabalhado esse conteúdo?

No livro didático *Asas para voar: geografia* de Maria Elena Simielli e Anna Maria Charlier apresentava os seguintes grupos étnicos: os indígenas (primeiros habitantes do Brasil), os brancos (portugueses que vieram colonizar a terra) e os negros (trazidos da África como escravos), no entanto o texto intitulado *Quem Somos?* enfatizava os principais grupos étnicos que formaram o povo brasileiro, mostrando apenas os grupos citados acima. Mas quanto ao terceiro grupo, os negros, este é lembrado como os escravizados, o que remete aos antepassados.

Historicamente a imagem que os negros têm é essa, os escravizados, que se enraizou até os dias de hoje, mas penso que a mesma não pode perdurar no que concerne para o tratamento com os negros, já que hoje eles diante de diversas lutas não são mais escravizados e nem devem ser lembrados apenas dessa forma, pois de acordo com o artigo 5º da Constituição Brasileira, enfatiza que: "Todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]". Todavia, o livro didático não deveria

expor características dos negros como os escravizados, mas poderia sim desconstruir essa imagem e inseri-los de uma forma diferenciada e igualitária evidenciando suas contribuições na sociedade. Portanto, é de suma importância a formação de educadores no que diz respeito às questões étnico-raciais e ao que gira em torno delas, bem como uma discussão sobre o tema realizada com o gestor e a comunidade escolar para conscientização da inclusão social que pouco é discutida no âmbito escolar.

CONCLUSÃO

Nos dias de hoje são abrangentes as discussões relacionada às relações étnico-raciais, que buscam o reconhecimento de diversas culturas e grupos étnicos que se fazem presente no Brasil. Dessa forma, é essencial consolidar as diretrizes que enfatizam a educação das relações étnico-raciais no contexto escolar, na tentativa de não mostrar apenas a igualdade de direito entre todos, mas também a reconhecimento da identidade de cada cidadão e o respeito à diversidade.

Este trabalho monográfico trouxe uma breve pesquisa quanto às relações étnico-raciais no 5º ano do ensino fundamental, para tanto, houve o conhecimento de assuntos relevantes que rodeiam as relações étnico-raciais no âmbito escolar. Assim, essa pesquisa obteve êxito mediante aos objetivos que se pretendeu alcançar, deixando indícios de que realmente esse tema é muito significativo para se trabalhar de forma específica no âmbito escolar.

É importante ressaltar que não é tarefa exclusiva da escola trabalhar com as relações étnico-raciais, mas ela é um espaço que possibilita a educação ou (re)educação das relações étnico-raciais e que pode agir preponderantemente para incluir no currículo escolar as novas diretrizes das relações étnico-raciais, de forma que o professor possa ter o conhecimento teórico, para que em seguida reveja como trabalhar mediante qualquer situação, mas para isso, é preciso que ele tenha uma formação continuada que conste o trabalho com as relações étnico-raciais em sala de aula, visando promover mudanças significantes diante de determinadas situações de conflitos étnico-raciais que se fazem presentes no dia a dia. Desse modo, o momento vivido no estágio deixou vestígios quanto à necessidade de rever as práticas docentes e a possibilidade de trabalho com essa temática na escola.

Além disso, torna-se necessário superar, na instituição escolar, o grande equívoco que os negros têm de si mesmos, quando não aceitam sua cor ou até mesmo o nome negro e que por muitas vezes se colocam numa postura racista. Nessa perspectiva, é que se deve realmente existir a educação das relações étnico-raciais, visando assim, à quebra de atitudes preconceituosas e discriminatórias que são formadas no interior da escola, que por várias vezes acontecem de forma despercebida por parte de alunos e professores.

Contudo, é preciso repensar as práticas docentes em sala de aula como também na escola, de modo que possa educar cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, abrangendo a diversidade entre diferentes grupos étnico-raciais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. p.168. (Série Legislação Brasileira).

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.68-69.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a História entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

DELGADO, Lucília de Almeida N. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

FONTES DOCUMENTAIS: **Diário de Campo** de 23 de agosto de 2010 a 20 de setembro de 2010; **Portifólio** – Arquivo dos Planos de Aula e das Atividades realizadas no Estágio Supervisionado em Docência, Pombal, 23 de agosto de 2010 a 17 de setembro de 2010.

FREIRE, Paulo. Não há docência sem discência. In: **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p.35.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. 3 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003, p.67-68.

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do Contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005, p.39

ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, Julio Groppa de. **Diferenças e preconceito na escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1998, p. 122-127.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Técnicas de coleta e análise de dados: instrumentos para saber mais. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p.58.

NÓVOA, Antônio. Inovações e História da Educação. In: NÓVOA, Antônio. **Teoria e Educação**. Porto Alegre: Pannonica, 1992, p. 210.

PIMENTA, Selma Garrido. Práxis- ou indissociabilidade entre teoria e prática e a atividade docente. In: **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2006, p.93.

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e Memória**: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. Ciência e conhecimento – Revista eletrônica da ulbra São Jerônimo – vol. 01, 2007, História, A.2 1. Disponível em: <<http://www.cienciaeconhecimento.com>>. Acesso em: 01 out. 2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. et al. **Multiculturalismo mil e uma faces da Escola** 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.21.

SIMIELLI, Maria Elena; CHARLIER, Anna Maria. O Espaço Regional. In: **Asas para voar**: Geografia.1 ed. São Paulo: Ática, 2008, cap.3, p.100-115.